

Legibilidade textual e modalidades de tradução: teoria e prática

Patrizia Collina Bastianetto

Da Teoria da Tradução e Teoria do Texto

Neste ensaio pretendemos demonstrar como a Teoria da Tradução e a Teoria do Texto, apesar de serem disciplinas autônomas, estão intrinsecamente ligadas para legibilidade de textos traduzidos. Para isso, tecemos reflexões teóricas e comprovamos a relevância do assunto da legibilidade também com relação a textos traduzidos. Ressaltamos que, no que tange à forma de traduzir, cada época tende a conceber o ato tradutório de forma condizente com sua filosofia e seus paradigmas. Justificamos por que não consideramos adequada a adoção de uma estratégia tradutória que sugira uma relação de pertinência estreita entre o tipo de texto e a estratégia de tradução.

Apresentamos, ainda, os fatores linguísticos e extralinguísticos que concorrem em geral e em textos traduzidos para um melhor ou pior índice de legibilidade e exemplificamos.

A Teoria da Tradução – que abarca os Estudos da Tradução e a Tradutologia – e a Teoria do Texto são reconhecidas como disciplinas distintas. No entanto, constatamos que estão em uma relação de justaposição e contribuição recíproca atendendo a diversos fins.

Com relação à nomenclatura, a denominação Teoria do Texto é sinônimo de Linguística Textual – que o mundo anglo-saxônico prefere denominar de Análise do Discurso. Por sua vez, o estudioso Maingueneau (1996) concebe a Linguística Textual como sendo a gramática do texto.

No que tange à atividade tradutória, lembramos que ela se relaciona com a Teoria do Texto e, também, com a Teoria Literária, uma vez que se traduzem textos de todos os gêneros, incluindo aqueles literários. Dessa forma, a atividade tradutória precisa do auxílio, tanto da Teoria do Texto quanto da Teoria Literária, mas, ainda,

de diversas outras disciplinas, como, por exemplo, as Teorias da Recepção e Leitura, a Teoria da Argumentação, etc.

A Teoria da Tradução busca auxílio, além disso, daquelas disciplinas que corroboram para o entendimento de comportamentos linguísticos distintos, nas diversas línguas, para a expressão de traços universais a todos os homens de nosso planeta. Trata-se, por exemplo, da expressão de analogias psicológicas, fisiológicas, sensitivas, etc. Essas disciplinas podem ser: a Sociologia, a Etnografia, a Antropologia, entre outras. Além disso, para a compreensão do léxico de especialidade, a Teoria da Tradução encontra suporte, ainda, nas áreas específicas ao tema tratado em cada texto.

As presentes reflexões confirmam como a Tradução se alimenta das mais diversas áreas do saber, tendo um caráter eminentemente interdisciplinar. Essa afirmação, hoje, nos parece natural, mas é o resultado da contribuição de muitos estudiosos, sobretudo a partir dos meados do século passado.

Conforme relata o linguista francês GEORGE MOUNIN (1965), a Linguística, no seu sentido lato, entendida como disciplina que estuda os fatos da língua, deve a aceleração de seu desenvolvimento às primeiras pesquisas sobre tradução mecânica. Foram, pois, os engenheiros, matemáticos, lógicos e peritos em eletrônica a perceber que o ponto fraco para o desenvolvimento da tradução mecânica estava na falta da análise da Tradução do ponto de vista da Linguística.

Hoje, a Linguística dá conta de responder a muitos dos questionamentos de um tradutor que, quando não consegue traduzir um enunciado, consegue, contudo, apontar e reconhecer a causa de sua dificuldade. E, uma vez ciente da dificuldade específica, o tradutor terá mais facilidade para encontrar a solução tradutória.

A tradução ao longo do tempo

Um aspecto a ser sublinhado, com relação à forma de traduzir, é o fato de que cada época tende a conceber o ato tradutório de forma condizente com sua filosofia e seus paradigmas.

Na Idade Média, por exemplo, o princípio dominante quanto à tradução de textos religiosos é de que se traduza palavra por palavra, buscando limitar qualquer risco de falsear a palavra divina por meio de uma interpretação pessoal. Textos não religiosos, no entanto, são submetidos a reescritas livres.

No Renascimento, o uso do latim vai dando lugar às línguas nacionais. Lutero faz a primeira tradução completa da Bíblia para o alemão, compartilhando a postura de Cícero quanto à importância de transferir para a língua de tradução o significado da língua de partida.

No período clássico e neoclássico, afirmam-se na Europa o gosto e o estilo francês. A tendência é optar por um tipo de tradução adequado à estética francesa, em detrimento, muitas vezes, do conteúdo. As traduções daquela época ganharam a fama de serem *belles infidèles*, isto é, “belas infiéis”.

O Romantismo questiona o absolutismo estético francês. Isso leva a um tipo de tradução que respeita as peculiaridades nacionais em geral, prevalecendo aquele tipo de tradução que Goethe chama de “tradução integral”. Esse tipo de tradução é conhecida, também, com outros nomes, quais: tradução identificadora, tradução estrangeirizante, tradução *source oriented* e, ainda, tradução ética. O filósofo alemão WALTER BENJAMIN (2001: 203) aprecia a postura dos teóricos românticos, ao observar, em seu ensaio “A tarefa do tradutor”, que os românticos possuíram, antes de outros, uma consciência da vida das obras, da qual a tradução é o seu mais alto testemunho.

No século XIX, quando se intensificam as reflexões teóricas sobre a tradução, o linguista russo Federov defende a necessidade de se criar uma teoria da tradução

que se fundamente, sobretudo, na Linguística. Ele acredita que uma teoria da tradução deve se basear no estudo linguístico dos problemas, o que não exclui, contudo, outras abordagens, mas as antecede e condiciona.

Em 1959, Jakobson publica o artigo “Aspectos linguísticos da tradução”, em que ressalta a importância que tem o ato tradutório para a própria Linguística, demonstrando que o ser humano, ao comunicar, realiza fatalmente um ato tradutório que pode ser tanto uma tradução intralingual, quanto interlingual ou intersemiótica. Fica sacramentada a relação estreita da Linguística com a Tradução.

No final do século XIX e começo do XX, com o linguista suíço Ferdinand de Saussure, abre-se o ciclo dos grandes debates da Linguística sobre a apreensão do significado das palavras. Em relação à tradução, como explicita MOUNIN (1975), Saussure crê que as dificuldades tradutórias residem na descrição diferente que cada cultura faz do mundo, o que se dá através da língua como forma de expressão desse mundo. De certa forma, Saussure confirmava a ideia de Humboldt, retomada mais tarde por Sapir e ampliada por Whorf, acerca da maneira diferente por parte do homem de enxergar o mesmo objeto, dependendo da língua que ele fala.

A definição da atividade tradutória, entendida como operação de transferência de uma língua A para uma língua B, com o objetivo de expressar uma mesma realidade X, já não bastava, pois estava claro o fato de que a mesma realidade não é apreendida da mesma forma pelas diversas culturas, refletindo-se essa ótica diferente também na expressão linguística. E os teóricos se perguntavam como a tradução poderia dar conta de tantas representações do mundo. Esse questionamento remete à relação embrionária entre linguagem e cultura, que funciona na direção cultura → linguagem e vice-versa; isto é, relaciona-se à noção de linguagem como parte integrante de uma cultura que a espelha e a condiciona também. Para os estudiosos que refletiam sobre a atividade da tradução, já estava claro que a tradução não se limita à substituição de signos verbais, mas pratica também a transferência e adaptação cultural de signos extralinguísticos.

Como bem lembra AZENHA (1999), ao citar Reiss/Vermeer – sem aderir, contudo, à polêmica quanto à originalidade ou não dessa abordagem analítica –, os estudos da tradução emoldurados pela dimensão cultural ganharam impulso na década de 1980 do século XX, quando, então, a tradução passa a ser vista como “um tipo especial de transferência de valores culturais”.

Nas últimas décadas do século XX, pelo estudo e pela prática do experimentalismo tradutório, surgem diversas e diferentes formas de traduzir. Elas são adotadas, sobretudo, na tradução de obras de culturas distantes ou consideradas exóticas com relação à cultura receptora. Essas modalidades tradutórias, como a recriação e a transcrição, aceitam e incorporam na língua do texto traduzido a estranheza da obra estrangeira. Representam uma abertura, uma hibridação e uma descentralização, forçando a língua e a cultura domésticas a registrarem as particularidades do texto estrangeiro. No Brasil, o maior representante dessa forma de traduzir, cujo valor e competência são reconhecidos por teóricos do mundo todo, é Haroldo de Campos.

Esse tipo de tradução é adequado para textos que se caracterizam pela diversidade cultural e/ou pela conotação, em que há um cuidado especial com a manutenção da forma ou expressões autorais *sui generis*. Trata-se de um tipo de tradução chamada, na Europa Oriental, de “tradução artística”. Já na Europa Ocidental, é conhecida como “tradução literária” ou “teórico-literária”. É vista como um tipo específico de atividade textual criativa, diferente dos outros tipos de tradução, considerados processos tradutórios não criativos.

Quanto ao conceito geral de *tradução*, a tradução interlingual *lato sensu* é por nós concebida como um ato de retextualização na transferência interlinguística e intercultural.

E como ato de retextualização, no nosso entender, é necessário estudar o objeto em questão, isto é, o texto, e também o discurso em toda sua amplitude, a que o texto subjaz. É necessário estabelecer a função textual para, em seguida, definir a forma de traduzir. E, para isso, consideramos imprescindível nos valer da contribuição de

disciplinas, quais sejam: a Teoria do Texto, a Teoria da Tradução, a Teoria da Argumentação e as Teorias da Recepção e Leitura.

Nestas breves reflexões nos limitamos à confirmação da inter-relação da Teoria do Texto e da Teoria da Tradução para o que tange questões tradutórias e de legibilidade em textos traduzidos. A validade e a relevância da Teoria da Argumentação e das Teorias da Recepção e Leitura, para fins tradutórios, não são objeto das presentes ponderações.

Questões tradutórias à luz da Teoria do Texto e Teoria da Tradução

A Teoria do Texto em seu campo de investigação abarca as mais variadas formas discursivas, ocupa-se de tipos específicos de textos e de determinadas operações sobre o mesmo, contribuindo para a análise de questões como a produção e a legibilidade. Trata-se, por exemplo, dos aspectos que se relacionam com questões morfossintáticas e discursivas e outros aspectos que dizem respeito à coesão e à coerência entre as frases no parágrafo e entre os parágrafos, bem como as relações entre as partes do texto. Ao traduzir, todos esses fatores tem que ser levados em conta.

Apresentamos, sucintamente, dois exemplos. Sabe-se que estruturas com inserção são mais difíceis de ser compreendidas, porque quebram a ordem canônica e sobrecarregam a memória. Assim, se o emprego dessas estruturas for comum e recorrente na língua de partida, ao tentar mantê-las na tradução para o português, o tradutor pode comprometer a legibilidade do texto. Nesse caso, fazem-se necessárias alterações na composição textual ou na organização do discurso.

Um segundo exemplo pode ser dado com relação ao léxico. A tradução de uma palavra que não tem, na língua de tradução, um significante com o mesmo significado com que é empregada no texto de origem pode ser feita por meio de um empréstimo ou de uma criação lexical, isto é, um neologismo. O neologismo, levando em conta a legibilidade do texto traduzido, representa um grande desafio. Ele, pois, não costuma ser uma criação lexical gratuita, mas é algo instigante, já que

reformula a visão de mundo do destinatário e marca a idiossincrasia do autor ou sua subjetividade, assim como atesta a linguista brasileira MARIA APARECIDA BARBOSA (1996).

É preciso, então, levar em conta que, se no texto literário a criação neológica não é arbitrária, ela tem, de forma volitiva por parte do autor, uma função textual e discursiva. Cabe ao tradutor definir qual é a função de um determinado neologismo e procurar estabelecer a intenção autoral para sua criação. Feito isso, o tradutor opta por igualmente criar um termo novo na língua de tradução ou recriar, no texto traduzido, as condições receptivas do leitor do texto de partida.

Segue uma breve reflexão sobre a contribuição da Teoria da Tradução para a resolução de questões tradutórias, como nós a percebemos.

Quanto ao tipo de *tradução*, é costume, ao propor um trabalho de tradução, que o cliente e, às vezes o tradutor também, determine se ela faz referência a textos de caráter literário ou se se reporta a textos técnicos, conhecidos também como “textos utilitários”. Em função da resposta, a tradução costuma ser definida como “técnica” ou “literária”. De nossa parte, sugerimos uma definição não tão rígida quanto à classificação do tipo de tradução que o texto enseja e justificamos, a seguir, essa postura.

Como vimos, uma obra literária costuma ser traduzida por meio da tradução artística ou teórico-literária. Contudo, um texto literário pode conter passagens que apresentam descrições técnicas. Nas referidas passagens, a adoção de uma estratégia tradutória teórico-literária não seria adequada. Por sua vez, um texto técnico pode fazer alguma digressão em que se utilizem recursos típicos dos textos literários como, por exemplo, os tropos. Nesse caso, a adoção de uma tradução teórico-literária, apenas para as referidas digressões, será a mais pertinente.

E ainda, mesmo um texto explicitamente informativo, como um manual de instruções, está revestido de uma carga ideológica que vem ao encontro dos interesses de seu emissor, em função dos objetivos que quer alcançar. A ideologia subjacente ao texto estará, por sua vez, marcada por aspectos culturais específicos.

Nesse contexto, podemos exemplificar com a marca de automóvel Volkswagen, cuja apresentação de dados técnicos é imediatamente seguida da palavra: “*Das Auto*”, que significa “o carro”, em português. O estranhamento causado pela referida palavra – que aparece subitamente e em uma língua nada transparente para falantes de línguas neolatinas – cria um impacto. Imediatamente após a enunciação do termo em alemão, segue a tradução para o português e, então, a propaganda termina. Ela é, na verdade, praticamente cortada, assim como se corta ou encerra, geralmente, uma sessão de psicanálise, quando o paciente fala algo relevante que deva ser repensado *a posteriori*. No exemplo apresentado, imaginamos que seu receptor seja levado a estabelecer uma analogia entre o carro da Volkswagen e os valores culturais compartilhados pelo senso comum, acerca dos produtos alemães em geral. Nesse caso, acreditamos que sejam relacionados com a solidez, durabilidade, precisão, etc. Expandindo a análise, é possível afirmar, ainda, que a escolha do artigo determinado antes do substantivo “carro” foi mais uma estratégia para alcançar a função comunicativa desejada.

Nessa perspectiva, a tradução técnica deixa de pertencer a um universo isento de marcas ideológicas, históricas e/ou culturais e vem a integrar-se à reflexão sobre o processo de tradução como um todo.

Nas situações acima citadas, os textos são revestidos de certa heterogeneidade que se manifesta também numa perspectiva funcional, pois, com base nas funções aristotélicas se é verdade que o texto literário se preocupa principalmente com *movere* (“mover”, “impressionar”) e *delectare* (“distrair”), é inegável que, por sua vez, o objetivo do texto técnico não é apenas *docere* (“ensinar”) ou (“informar”).

Esses fatos justificam considerar inadequada uma definição rígida quanto a uma classificação textual e tradutória. E, inadequada também, a adoção de uma estratégia tradutória que sugira uma relação de pertinência estreita entre o tipo de texto e a estratégia de tradução, conforme o modelo sugerido por Katharina Reiss e analisado por AZENHA (1999).

Azenha julga que, quanto à definição de tipo de texto e estratégia tradutória, as análises devem ser vistas apenas como uma orientação muito geral, “como o

estágio preliminar da definição de uma estratégia concreta, para cuja formulação entra em jogo uma série de fatores” (AZENHA, 1999: 50-51).

Mas, ao definir a acima referida “estratégia concreta”, surge um impasse para o tradutor. De um lado, a Teoria da Tradução, que, por meio de procedimentos técnicos de tradução e modalidades tradutórias, pretende, de certa forma, reconduzir o leitor do texto traduzido ao significado do texto de partida – da mesma forma que fez Teseu, o qual, graças ao fio de Ariadne, encontrou a saída do labirinto e voltou ao seu lugar de origem. E, do outro lado, os teóricos da tradução que declaram a perda inexorável de dados ou impressões e sensações do texto de chegada.

O bom tradutor, e também bom linguista, saberá reconhecer, dentro do mesmo texto, as diferentes funções textuais que o compõem e os diferentes tipos de discursos a que pertence.

Poderá então valer-se de forma consciente dos instrumentos da Teoria da Tradução, lembrando, contudo, que precisa também levar em conta fatores extrínsecos ao próprio texto, a partir de diversas perspectivas, como veremos adiante.

Citamos, acima, procedimentos técnicos de tradução e modalidades tradutórias. Com relação a esse assunto assinalamos, no Brasil, autores como BARBOSA (1990) e AUBERT (1998); na Itália, OSIMO (2004); e na Estónia, TOROP (2010).

Tradução e legibilidade

Passamos, em seguida, a ponderar como, em conjunto, a Teoria do Texto e a Teoria da Tradução corroboram para a legibilidade de textos traduzidos. Sublinhamos que a questão da legibilidade é inerente a qualquer texto escrito e vale também para qualquer tipo de mídia.

Pensando especificamente no âmbito da leitura do texto traduzido, seguem algumas reflexões. O autor do texto de partida destina seu texto a um determinado público-alvo; ele supõe que o leitor saiba fazer uma série de inferências que têm como base certos conhecimentos culturais, ou seja, que fazem parte do rol de informações que um determinado povo tem.

É crucial que o tradutor também possua essa mesma competência do autor. No texto traduzido, o novo leitor pode não ter a mesma bagagem de conhecimentos

culturais. Portanto, esse leitor do texto traduzido não poderia fazer as inferências propostas pelo autor do texto original, caso o tradutor simplesmente traduzisse as palavras. Dessa forma, o texto seria ilegível ao novo destinatário. A modalidade de tradução adotada nesses casos poderia ser da explicitação, da nota esclarecedora de pé de página, do empréstimo ou, ainda, de uma modalidade híbrida.

Deduzimos, então, que para compor traduções legíveis, não basta escrever textos formalmente adequados. É preciso também adequá-los ao conhecimento prévio do leitor ao qual o texto se destina.

Precisamos esclarecer que isso não significa apagar o *odeur* e as cores da língua original, assim como suas marcas culturais, ou seja, fazer uma tradução conhecida como domesticadora, isso é, naturalizadora, ou *target oriented*. Significa registrar as características da cultura estrangeira por meio de uma tradução integral, identificadora, *source oriented* ou estrangeirizante, utilizando as modalidades de tradução adequadas.

Ressaltamos que os teóricos contemporâneos são unânimes em admitir perda ou resíduo na tradução, sobretudo daquilo que tange aos aspectos culturais. O teórico e tradutor estônio TOROP (2010: 64) considera que, no que se refere a questões ideológicas, a missão do ato tradutório é a luta contra a neutralização cultural e o nivelamento que levam para a indiferença com relação às marcas culturais do homem ou do texto. Ele ainda pondera que a luta contra a neutralização corrobora na busca da identidade nacional e da manutenção das raízes culturais.

Com relação ao conceito de “legibilidade”, esse termo é utilizado em diferentes contextos por áreas específicas do conhecimento, preservando, na maioria das vezes, seu significado maior. Contudo, quando faz referência a textos destinados à leitura por meios eletrônicos, o termo “legibilidade” adquire outro nome, passa a ser chamado de “usabilidade”. Essa palavra indica a arquitetura das informações e mede as condições que tornam uma determinada interface mais fácil, ou não, de ser usada, levando a resultados melhores ou piores no que tange à facilidade de acesso e fruição do leitor e da compreensão das mensagens veiculadas. É preciso, pois, lembrar que o índice de legibilidade do mesmo texto varia em função do meio de apresentação. Resultados de pesquisas confirmam, por exemplo, que a leitura de

textos na tela de um meio eletrônico torna-se rapidamente cansativa e, por consequência, mais lenta de cerca de 25% a 30% em relação à leitura de textos impressos no papel.

O termo “legibilidade” é definido por nós da seguinte forma: “Para um leitor específico, isto é, um leitor com conhecimentos lingüísticos adequados e determinada carga de informação prévia, legibilidade de um texto é a medida da facilidade com que esse leitor pode extrair informações do texto” (BASTIANETTO, 2004:17). A legibilidade, portanto, relaciona-se à inteligibilidade, leva à compreensibilidade do texto e remete ao fato de o leitor conseguir ou não entender as informações transmitidas pelo autor, e com que grau de dificuldade. Não havendo dificuldade, podemos entender que há um bom índice de legibilidade ou de clareza para aquele leitor.

A legibilidade tem intrínseco ao seu conceito a presença da clareza. À primeira vista, acredita-se que todos os que escrevem ou falam, o fazem para serem lidos ou ouvidos e, portanto, tendam a privilegiar a clareza. Isso leva a crer que a clareza não tem inimigos. E acredita-se, ainda, que sua definição é simples.

Contudo, conforme informa o linguista italiano EDOARDO SANGUINETI (1987:33), “a noção de clareza, para nossa infelicidade, parece estar intrinsecamente e fatalmente obscura”.¹ O autor explica que ela requer uma análise complexa e articulada. Há, pois, uma clareza iluminadora, mas também há outra clareza, aquela fictícia e, ainda, aquela complacente que sacrifica a complexidade dos conceitos e dos pensamentos, em prol da compreensão dos ouvintes despreparados. Esse último tipo de clareza – banalizadora e paternalista – anula o conteúdo de um conceito ou de uma questão complexa, apresentando tudo da forma mais simples possível para favorecer a compreensão.

Todavia, quando o assunto é complexo, ele exige, de fato, uma explicação também complexa e precisa. Se o pensamento for apresentado com clareza complacente não explica nada. Nessa ótica, privilegiar a clareza não significa suprimir conteúdo discursivo, achatá-lo e simplificar conceitos. Mas significa expressar o desamor pela

¹ “la nozione di chiarezza, per nostra disgrazia, pare essere intrinsecamente e fatalmente oscura.” (tradução nossa)

retórica de ornato, a voz solene da grandiloquência e a segurança adquirida graças ao hermetismo.

Precisamos ressaltar, ainda, que o conceito de clareza da qual se origina a legibilidade é sempre um conceito relativo. É relativo à situação comunicativa, ao conhecimento prévio sobre o assunto dos leitores, ao seu conhecimento linguístico e, ainda, relativo ao seu interesse e motivação no assunto. A clareza é relativa aos instrumentos de comunicação que utilizamos. E existe uma clareza lexical, sintática e discursiva. E, ainda, ela é relativa aos códigos que empregamos e às funções da mensagem. A clareza de um e-mail, por exemplo, não é aquela de uma poesia, nem aquela de um artigo da lei, que é diferente daquela de um artigo de jornal.

Retomando o assunto legibilidade, cabe outra observação referente às características intrínsecas aos textos produzidos pelos poetas, místicos, apaixonados e humoristas. Esses autores vivem, geralmente, fora da norma, são uma espécie de contorcionistas linguísticos. Todavia, levando em consideração seu contexto e suas intenções comunicativas, ser obscuros, para eles, é uma virtude. E é, aliás, uma necessidade inevitável.

Em função disso, esses textos costumam implicar, naturalmente, um grau menor de legibilidade e não são objeto das presentes ponderações.

O assunto da legibilidade adquire uma importância ainda maior quando ela está relacionada com textos traduzidos, pois se traduz no mundo todo.

Dados da Unesco demonstram que se traduz muito para a língua portuguesa, os dados apresentados pela Unesco atestam que o Brasil ocupa o nono lugar dentre os países que traduzem textos estrangeiros para a própria língua. É estimado que 75% do saber científico e tecnológico brasileiro originam-se de traduções. A língua para a qual se traduz mais é a língua alemã, seguida da francesa, espanhola, inglesa e japonesa. E as línguas mais traduzidas são a inglesa, seguida da francesa, alemã, russa e italiana. Nesse caso, o Brasil ocupa o 18º lugar.

Esses dados confirmam que o Brasil importa um maior número de textos produzidos em língua estrangeira traduzida do que exporta textos redigidos em português e traduzidos.

Os dados atestam, ainda, que a Alemanha é o país que mais traduz culturas estrangeiras para o alemão e que também consegue exportar a sua cultura muito bem. Dos mesmos dados resulta também que os livros dos países de língua inglesa são muito traduzidos, mas que esses países traduzem pouco de outras culturas para a dela. Exportam sua cultura, mas importam pouco a de outros países.

O tema da legibilidade certamente não é novo. Foi tratado na Antiguidade pelo historicista e escritor romano Tácito (século I), pelo moralista francês La Bruyère (século XVII) e por muitos pensadores. O autor italiano do século XX Alberto Moravia disse certa vez que “[...] não há provocação maior do que a ilegibilidade” e o cientista Galileu Galilei, já no século XVII, proclamou que “[...] falar obscuro, todos sabem, mas claro poucos”. Também Stendhal manifestou-se favorável à clareza, tendo certa vez dito que o homem que escreve de forma obscura não poderia se iludir, ou ele estava enganado ou pensava que estaria enganando os outros. Para concluir a respeito das vantagens e desvantagens da legibilidade, resta apenas assinalar que ser inteligível significa deixar-se descobrir e correr alguns bons riscos.

Fatores linguísticos e extralinguísticos para a legibilidade

Listamos, a seguir, os fatores linguísticos e extralinguísticos que concorrem em geral, e, sobretudo em textos traduzidos, para um melhor ou pior índice de legibilidade. Em seguida, vamos apresentar alguns exemplos com relação à construção da frase. Lembramos que a função comunicativa do texto de partida pode ser modificada no texto traduzido, dependendo da finalidade do texto de chegada e do público-alvo. É o caso de resumos, resenhas de livros ou da adaptação de obras literárias para um público infante-juvenil, entre outros.

Fatores linguísticos e extralinguísticos que incidem na legibilidade textual em geral e em textos traduzidos.

1) A legibilidade decorre tanto de aspectos linguísticos quanto de elementos mais variados da superfície do texto como:

- comprimento das palavras,
- comprimento das frases, (conforme o linguista RICHAUDEAU (1984:19), a capacidade de memorização imediata de um leitor médio seria de aproximadamente 15 palavras. Esse mesmo número reaparece na análise de textos de bons comunicadores, como nas proclamações do general Napoleão Bonaparte ou nos primeiros discursos de Charles De Gaulle. Comprimento ideal médio das frases: entre 10 e 20 palavras, dependendo dos leitores),
- dimensão e forma da letra e de outros caracteres;
- espaçamento entre os caracteres;
- espaçamento entre linhas; e
- cor do papel e do texto impresso.

2) A tradução de todo o conteúdo do texto autoral e também editorial é indispensável. Lembramos, por exemplo, da epígrafe, que concentra um alto poder de argumentação; do texto das notas de pé de página, que costumam agregar um valor explicativo e, ainda, da ficha catalográfica, que inclui informações preciosas para a pesquisa e a contextualização da obra – a partir do título da obra original, do nome do tradutor, da data da primeira edição e daquela da primeira tradução, da data de novas edições e reimpressões. A inclusão na ficha catalográfica dos dados bibliográficos completos do texto da língua de origem permite, pois, o cotejo entre a edição do texto da língua de partida e o da língua de chegada.

3) A explicitação do enunciador das notas de pé de página é fundamental para o reconhecimento da voz enunciativa, pois ela pode ser do autor, da editora e/ou do tradutor. Na falta desse dado, geralmente apresentado pela sigla N.do T. ou N.do E., o leitor é levado a crer que o texto da nota é do autor da obra. A falta de clareza com relação à autoria da nota pode gerar problemas interpretativos.

4) A manutenção das ilustrações é desejável, enquanto instrumento gerador de sentido muito eficiente, que pode ter valor de explicitação no que tange a elementos culturais diferentes nas duas culturas, e pode, ainda, constituir-se numa prova demonstrativa e, portanto, num argumento.

5) O tamanho do parágrafo é um componente da facilitação, ou não, do processamento da informação. O leitor não vê o parágrafo como um recurso estético, mas supõe que a mudança de parágrafo é condicionada por uma mudança de determinadas unidades de traços semânticos e que haja uma correlação entre a organização em parágrafos e a estruturação semântica, formal e discursiva do texto.

6) Os sinais de pontuação são muito importantes e incidem na legibilidade. É preciso que o tradutor saiba identificar se eles dizem respeito à mudança de orientação argumentativa, se representam marcas idiossincráticas do tradutor, ou se atendem apenas às normas da língua do texto. Após essa análise o tradutor terá condição de escolher o tratamento que dará à pontuação no texto que vai traduzir.

Explicitamos, a seguir, alguns fatores linguísticos que incidem na legibilidade textual, levando em conta a construção da frase.

Apresentamos, também, alguns exemplos.

1) Organização do discurso, que vai além da sentença. Isso significa: a transparência das retomadas anafóricas, a sinalização do tópico, a divisão dos parágrafos, etc.

2) Estruturação interna da sentença em função da ordem dos elementos na frase, incidência de caráter sintático;

Exemplo: *Corto cabelo e pinto – querendo dizer: “Corto e pinto cabelo.”

3) Escolha do vocabulário, ou seja, o âmbito lexical;

Exemplo: Emigrantes alocados *improvisadamente em hospedarias – o objetivo era o de expressar a ideia de que os emigrantes foram alocados de qualquer jeito, sem cuidados e não de improviso, de forma súbita. (Fonte: arquivo pessoal – retirado de uma tradução revisada feita por terceiros).

4) Conhecimento linguístico relacionado com o aspecto cognitivo e conhecimentos culturais;_

Exemplo: Hoje apresentamos a famosa comédia de Goldoni *La putta onorata*.

Para garantir a legibilidade, evitar mal-entendidos ou frustrar a expectativa do público-alvo da peça, o título precisaria de ser acompanhado da tradução. Isso porque a similaridade fonética dos vocábulos em italiano e em português induziria a uma interpretação errada, e, ainda, porque a palavra “putta” em italiano adquiriu nos dias de hoje mais um significado, conforme explicamos a seguir. Adiantamos que a tradução mais apropriada seria: “A moça honrada.”

Esclarecemos que a peça de Goldoni é de 1732 e que está em dialeto vêneto. Nesse dialeto, a palavra *putta* significa “jovem filha casadoura”, como informa BOERIO (1829:492) no *Dizionario del dialetto veneziano*. Por sua vez, na língua italiana daquela época, a palavra significava somente “moça” – (*putta* = forma feminina da palavra latina masculina *púttus* = moço, rapaz jovem).

Já no italiano contemporâneo, a palavra tem duas acepções, conforme o *Grande dizionario hoepli de italiano* de Aldo Gabrielli. No referido dicionário há duas entradas lexicais independentes para a palavra *putta*. Uma informa que o termo é um regionalismo e significa “moça”. E outra informa que o significado de *putta* é equivalente a *meretrice*, isto é: “meretriz”, em português.

Sendo assim, para fins de legibilidade, nos dias de hoje seria necessária uma tradução intralinguística para o público italiano, e uma tradução interlinguística para o público estrangeiro. Estamos, pois, perante duas possibilidades interpretativas, isto é: “A meretriz honrada” e “A moça honrada”.

Uma análise linguística sugere que houve duas variações. A primeira é diatópica, já que se trata de um termo do dialeto da região do Vêneto e a segunda é diacrônica, uma vez que ao longo dos anos foi atribuído à mesma palavra mais um significado,

classificado, no momento de sua criação, como neologismo semântico, com uma entrada autônoma no dicionário.

O exemplo acima foi tratado de forma mais ampla, visto que envolve o fator da temporalidade que costuma ser um problema para o tradutor de textos arcaicos. De fato, problemas de compreensão e legibilidade do texto de partida podem se refletir na tradução e gerar um baixo índice de legibilidade no texto traduzido.

Outrossim, também pode acontecer o contrário, ou seja, que o texto traduzido tenha um maior índice de legibilidade do texto da língua do original. Isso devido à atualização lexical e, às vezes, àquela estrutural, não possível de ser feita na edição *príncipe* de uma obra. Essa é a conclusão a que nós chegamos em nossa tese de doutorado (BASTIANETTO, 2004), que cotejou sete traduções brasileiras da obra *Dos delitos e das penas* de Cesare Beccaria, editada pela primeira vez em 1764.

Com relação à primeira edição da referida obra, ela continha apenas três notas de pé de página, todas autorais. Já a Editora BUR, em sua edição de 2011, ciente do baixo índice de legibilidade do texto beccariano na época atual, em função da necessidade de conhecimentos prévios amplos e da complexidade discursiva, para torná-lo mais legível, acrescentou 133 notas editoriais explicativas de pé de página.

Como acima relatado, outra dificuldade tradutória ligada à questão da legibilidade é representada pelo neologismo semântico, fenômeno comum a todas as línguas. Acontece, por exemplo, que traduções feitas em época muito anterior àquela da leitura de um determinado leitor contenham termos que, posteriormente, ganharam mais um significado, tornando-se a causa de uma ambiguidade na leitura posterior. Esse fenômeno leva à necessidade da atualização constante das traduções.

Nos casos acima relatados exige-se do tradutor a postura do filólogo para o entendimento pleno do termo e conseqüente tradução adequada.

Retomando a questão específica da tradução do léxico, com base em BASTIANETTO (2004) sintetizamos que:

- 1) a adoção de palavras de baixa frequência de uso na língua de tradução, ou de registro alto, com o possível objetivo de manter o registro da língua do texto de origem, pode comprometer a compreensão;
- 2) a adoção do termo de especialidade para leitores não especialistas cria problemas de compreensão, mas evitar seu emprego não garante que a compreensão seja alcançada;
- 3) a combinação de itens léxicos que implicam conhecimentos prévios dificulta a compreensão;
- 4) um período complexo numa frase excessivamente longa pode não constituir dificuldades de compreensão quando o leitor é dotado dos conhecimentos enciclopédicos necessários e o léxico é transparente.

Com relação aos fatores extralinguísticos que incidem na legibilidade também do texto traduzido, mas que a Teoria do Texto e da Tradução em conjunto podem auxiliar a superar, podemos citar aqueles que abrangem o conhecimento prévio do assunto, o conhecimento geral a respeito do mundo e da cultura à qual o texto faz referência.

Para concluir nossas reflexões, esperamos ter podido contribuir para salientar a relevância do assunto da legibilidade em textos traduzidos. Esperamos, ainda, ter apresentado com a clareza necessária como a Teoria da Tradução e a Teoria do Texto estão imbricadas e, portanto, inter-relacionadas, e como ambas concorrem de forma produtiva para a legibilidade de textos traduzidos.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.
- AUBERT, F.H. Modalidades de tradução: teorias e resultados. In: *TradTerm*, São Paulo, v. 5. n. 1, p. 99-128, 1998.

- AZENHA, J. J. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- BALDINI, M. *Elogio del silenzio e della parola*. I filosofi, i mistici e i poeti. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2005.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 3. ed. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BASTIANETTO, P. *Legibilidade e argumentação em textos traduzidos: estudo de sete traduções da obra *Dos delitos e das Penas* de Cesare Beccaria*, 2004. 225 f. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH - USP, São Paulo, 2004.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. *Clássicos da Teoria da Tradução*, Florianópolis, v. 1, 2001, pp. 189-215.
- BOERIO, G.; MANIN, D. *Dizionario del dialetto Veneziano*. Venezia: Santini, 1829.
- FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Contexto, 2000. 99 p.
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: _____. *Lingüística e comunicação*. 3º ed. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 63-72 [1959].
- MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MOUNIN, G. *Teoria e storia della traduzione*. Trad. Stefania Morganti. Torino: Einaudi, 1965. 221 p. Original francês.
- _____. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- OSIMO, B. *Manuale del traduttore*. Guida pratica con glossario. 2º ed. Milano: Hoepli 2004.
- REHFELD, M. B. *Para uma teoria do parágrafo*. 1984. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984. Mimeografado.
- RICHAUDEAU, F. *Recherches actuelles sur la lisibilité*. Paris: Retz, 1984.
- SANGUINETI, E. La chiarezza? Cinque istruzioni per l'uso. *Il Messaggero*, 9 feb. 1987, p. 3.
- TOROP, P. *La traduzione totale*. Tipi di processo traduttivo nella cultura. Organização e Tradução de Bruno Osimo. Milano: Hoepli, 2010. Título original: *Total'nyj perevod*, Tartu University Press, 1995.
- VINAY, J-P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier/Beauchemin, 1960.

<http://it.wikipedia.org/wiki/Traduzione_artistica>. Acesso em: 11 jan. 2013.

